

Hortência Lays de Sousa

Nobre Elizete

Santos

VIII ENCONTRO NACIONAL SOBRE O ENSINO DE SOCIOLOGIA NA EDUCAÇÃO BÁSICA

GT 15

Culturas juvenis na
escola

CULTURAS JUVENIS NA ESCOLA: O CABELO COMO REPRESENTAÇÃO SOCIAL JUVENIL

Belém,
Pará 2023



CULTURAS JUVENIS NA ESCOLA: O CABELO COMO REPRESENTAÇÃO SOCIAL JUVENIL

Hortência Lays de Sousa Nobre ¹

Elizete Santos ²

RESUMO

O presente trabalho³ se trata de uma pesquisa de cunho quanti- qualitativo, desenvolvida na cidade de Caxias- Maranhão, com número de 45 jovens estudantes do ensino médio, a pesquisa teve por objetivo apresentar uma caracterização das juventudes participantes da pesquisa, além das culturas embricadas nas representações sociais que os jovens dão aos seus cabelos crespos e cacheados, buscando compreender essas representações por meio de três categorias de análise mediante os resultados obtidos. A pesquisa trabalha com temas como culturas juvenis, tecnologias, identidade, cabelo como corpo social, representações sociais, que cooperam na compreensão desta discussão. A metodologia da pesquisa se fez através de rodas de conversas de forma on-line pela plataforma Google Meet, onde nos permitiu uma aproximação com as juventudes, e o desenvolvimento da pesquisa. Os resultados nos mostram que há uma riqueza no espaço educacional, se tratando da identidade negra com diferentes movimentos culturais e identitários, ora com adesão da naturalização dos cabelos crespos e cacheados, ora com a não naturalização, mas perpassando o físico, como também as tecnologias da informação e comunicação potencializadora de culturas juvenis dentro do espaço escolar.

Palavras-chave: Juventudes, Culturas, Escola, Educação.

INTRODUÇÃO

As juventudes presentes nas escolas se configuram como um elemento fundamental pra percebermos e valorizarmos a riqueza cultural que há no chão da escola, entendendo chão da escola como sintetiza o antropólogo Alexandre Pereira como “concretude das relações vividas”. Pensar a escola além de um plano ideal, nos

¹ Graduada em Ciências Sociais (UEMA-Caxias); Mestranda em Antropologia pela Universidade Federal do Piauí UFPI, preta, mulher cis, residente em Caxias- Ma, hortencianobre11@hotmail.com;

² Doutora em História (PPGHistória/UNISINOS), Mestre em Educação



(PPGEducação/UNISINOS), Especialista em Psicologia Educacional: Ênfase em Psicopedagogia (PUC/MINAS), Graduada em Pedagogia (UEMA), É professora Adjunta do Departamento de Ciências Sociais (CESC/UEMA, elizete.uma1999@gmail.com).

³ Trabalho desenvolvido com apoio financeiro pelo Programa de Iniciação Científica PIBIC- UEMA

permite estarmos abertos a outras compreensões, principalmente descarregando a responsabilidade lançada na educação escolar, e lançando olhar também para outras instâncias que cooperam com a escola.

Segundo Pais (1990), a construção sociológica da juventude, se relaciona à diferentes maneiras de vida, ou seja, realidades sociais, historicamente construídas.

Dentro da categoria juventudes está presente uma discussão importante sobre identidade cultural e um olhar voltado para o cabelo CC (crespo e cacheado)) como parte integrante da identidade negra, sendo assim, há em seus traços capilares não apenas características fenotípicas, mas também características culturais e simbólicas. Segundo Gomes (2002), o cabelo passa ser corpo social e linguagem.

O tema sobre a adesão, transição capilar, voltado principalmente à comunidade negra, assim como outras características físicas próprias, têm ganhado um espaço dentro das discussões sociais, no que diz respeito ao crescente número de pessoas que vivenciam um período próprio da história, marcado pela revolução tecnológica.

Essa revolução pode influenciar tomadas de decisões no que cerne as construções de identidades, ou manutenção das mesmas, pois a “identidade negra se reafirma através dos movimentos sociais negros, com o objetivo de solidificar esse orgulho repleto de significados, é a autoafirmação das africanidades e todas as suas ressonâncias” (SILVA; BRAGA, 2015, p. 3).

O conhecimento da própria cultura e história permite ao ser humano se emancipar de muitas questões que o oprimem dentro da sociedade que vive, deste modo, perceber a escola como um espaço que tem papel fundamental e de grande transmissão destes conhecimentos para a sociedade se faz necessário. Gomes (2006, p.22), afirma a educação escolar como “[..] parte constituinte do processo de humanização, socialização, e formação, pois está associada aos processos culturais, à construção das identidades de gênero, de raça”.

A sociedade atual que as juventudes estão inseridas, vivenciam essas interações que são potencializadas através de diversos meios digitais, seja por programas, aplicativos, redes sociais e etc., onde há um



compartilhamento de ideias, de vivências e diferentes culturas, provocando assim um sentimento de alteridade.

Como a educação lida com toda essa hibridez cultural na escola? Inicialmente é bastante válido estar aberto a tais diferenciações culturais, assim como as manifestações de tais culturas.

É mister percebermos que o movimento das juventudes é contínuo, apesar das disparidades em contextos sociais em meio aos graves problemas potencializados com a pandemia da covid 19 e todas essas práticas que lidam com suas construções juvenis contemporâneas, perpassam as subjetividades socializadas, onde se insere dentro de contextos próprios da história, como “um sistema de disposições duráveis e transponíveis que, integrando todas as experiências passadas, funciona a cada momento como uma matriz de percepções, de apreciações e de ações” (BOURDIEU, 1983, p. 65).

As juventudes das escolas quando assimilam e assumem as características dos seus cabelos crespos e cacheados, constitui na escola diferentes culturas, tratando da valorização do corpo negro, da identidade negra, que evidencia tantas outras características que compõem a corporalidade juvenil.

METODOLOGIA (OU MATERIAIS E MÉTODOS)

A presente pesquisa foi desenvolvida em uma escola pública estadual no município de Caxias- MA, o trabalho foi realizado com três turmas do ensino médio, com um número de 45 jovens, envolvendo turmas do 2º ano do ensino médio, com uma faixa etária de 16 aos 19 anos, onde permitiu evidenciar as juventudes em sua heterogeneidade, quando relacionados ao gênero, a cor, e outros elementos que os distinguem. Através da plataforma digital Google Meet, foi possível a realização dos encontros com o grupo juvenil. Outra ferramenta digital utilizada foi o aplicativo Google Forms, para a aplicação do questionário da pesquisa, contendo perguntas abertas e fechadas. Estas ferramentas digitais foram de suma importância durante o momento pandêmico da Covid-19, que ainda estamos a vivenciar.

Os encontros destinados para as rodas de conversa, se deram em sala de aula virtual, no total de quatro encontros para as rodas, através do método de participação coletiva, onde se fizeram debates em torno de perguntas norteadoras: como os jovens em suas diferenças (gênero, idade, identificação étnico racial, sexualidade) representavam seus crespos e cacheados? Houve preconceitos quanto a adesão, transição? O

preconceito se deu de forma diferente ou igual entre eles, se sim, o que achavam provocar isso? O gênero, a identificação étnico-racial e outras características influenciam ou não?

No final de cada roda de conversa, registramos as impressões para proceder à interpretação dos dados, primeiramente, eles passaram por várias sessões de leitura e de releitura, para que os compreendêssemos bem mais e seguíssemos para a etapa de organização das respostas tidas e categorização. Na sequência, como última etapa, empreendemos a análise interpretativo-crítica dos achados mais relevantes para compreender o objeto de estudo, como evidenciamos nos resultados e discussões da pesquisa.

O estudo é de cunho quantiquantitativo, considerado segundo Gatti (2002), a quantidade e qualidade não estão totalmente dissociadas na pesquisa, na medida em que de um lado a quantidade é uma tradução, um significado que é atribuído à grandeza com que um fenômeno se apresenta e do outro lado ela precisa ser interpretada qualitativamente, pois sem relação a algum referencial não tem significação em si.

REFERENCIAL TEÓRICO

O entendimento sobre a cultura negra relacionada a todo um arcabouço étnico faz com que haja um impulsionamento para a autoidentificação étnica e possibilita a organização de tomadas de decisões no que cerne ao ambiente político de uma sociedade, como também sua autoafirmação em diferentes espaços sociais. Ao contrário disso o negro brasileiro “não tiver acesso ao conhecimento de si próprio, a escravidão cultural se manterá no país” (REIS, 1993, p. 189).

Os movimentos sociais se tornaram uma fonte de autoafirmação cultural negra resultando assim, em novas percepções, promoções de mudanças nas políticas públicas, esses movimentos segundo Silva e Braga (2015), negavam o eurocentrismo como o único parâmetro de conhecimento, permitindo assim, o retorno às origens africanas, como fortalecimento da identidade cultural.

As autoras evidenciam os movimentos pelos direitos civis americanos na década de 1960 (Black Power, Black Panthers Party for Self Defense), em que os participantes do movimento mantinham a fibra capilar, além do uso do pente ouriçador, como ato político.

Com isso a identidade negra “se reafirma através dos movimentos sociais com o objetivo de solidificar esse orgulho repleto de significados, é a autoafirmação das africanidades e todas as suas ressonâncias” (SILVA; BRAGA, 2015, p. 3).

Na década de 2000 nasce um movimento inicialmente feminino que visava deixar o uso de alisantes e chapinhas, para o uso dos cabelos naturais, e neste movimento foi reutilizada a palavra nappy (fralda) que antes era referida pejorativamente aos negros que trabalhavam na lavoura de algodão, por conta de se tentar assemelhar a forma despojada do cabelo crespo, com um movimento contrário a palavra foi trazida e resignificada pelo grupo, com uma conotação positiva, significando natural e feliz. Segundo Matos (2016), o uso dos cabelos naturais passa a ser um ato de valorização da cultura e da etnia.

DESENVOLVIMENTO

Dentro da discussão deste trabalho os Marcadores Sociais da Diferença entendido de acordo com ALMEIDA (2012); MOUTINHO (2006); ZAMBONI (2014) como fatores sociais que analisam a constituição social de desigualdades, se configurando em sistemas de classificação, possibilitou entendermos de uma melhor maneira como a caracterização juvenil está diretamente relacionada à complexidade do problema pesquisado, ou seja, frente às demandas sociais que são vivenciadas, seus posicionamentos em relação as representações sociais estão intrinsecamente ligadas a estes marcadores.

A especificidade juvenil foi entendida nas rodas de conversa como:

“condição sócio-histórico-cultural de uma categoria de sujeitos que necessitam ser considerados em suas múltiplas dimensões, com especificidades próprias que não estão restritas às dimensões biológica e etária, mas que se articuladas com uma multiplicidade de atravessamentos sociais e culturais, produzindo múltiplas culturas juvenis ou muitas juventudes. Entender o jovem do Ensino Médio dessa forma significa superar uma noção homogeneizante e naturalizada desse estudante, passando a percebê-lo como sujeito com valores, comportamentos, visões de mundo, interesses e necessidades singulares” (BRASIL, 2011, p. 12-13).

Considerar as especificidades juvenis é abrir espaço dentro dos espaços escolares para alargar o conhecimento frente as dinamicidades



dessa categoria, além de possibilidades de melhorias, relacionando diferentes espaços, em prol de possíveis contribuições para novos projetos.

A juventude/s do sexo feminino correspondeu a 60% dos jovens na pesquisa, sendo assim, a maioria envolvida na pesquisa se tratou de mulheres, possibilitando discussões acerca do feminismo plural, ou seja, a mulher negra, a mulher branca e etc. As mulheres negras corresponderam a um número de 14, enquanto as brancas em número de 9, 2 indígenas, e 3 não responderam. O que é interessante nesses dados é que eles não se limitam a questões quantitativas, mas também se relaciona as diferentes realidades vivenciadas por essas jovens.

Estes diferentes feminismos mostraram que as representações sociais das mesmas sobre os cabelos crespos e cacheados está relacionado a todo um arcabouço de conhecimento e vivência própria, as mulheres que se definiram negras representaram o crespo e cacheado diretamente às questões sociais, e aguerridas de um posicionamento político, pois entendem que se trata de sua própria história. Ainda em relação as mulheres negras outro dado importante e relevante é que algumas representam os CC's como uma parte característica da sua identidade, ou seja, não aderir o cabelo natural não tira o reconhecimento e importância da sua identidade, com isso transitam dentro desse espaço de diferentes posicionamentos.

As mulheres jovens que se definem brancas, representam os cabelos como uma forma de aceitação, como também entender a beleza estética dos mesmos, por conseguinte as que se definem indígenas veem os CC's como uma forma de respeitar a si mesmo e o outro.

Os diferentes feminismos mostraram a pluralidade de compreensão, as representações sociais dadas aos cabelos evidenciaram uma maior participação das mulheres neste debate.

O público participante do projeto se constitui sendo a maioria adepta ao cabelo crespo e cacheado, nos mostrando como o número é crescente de jovens que atualmente se veem com um certo cuidado e



reconhecimento próprio de sua identidade negra. Dentro do ativismo antirracista o cabelo crespo ganha espaço e é reconhecido como corpo social e como linguagem que expressa o conflito racial vivenciado (GOMES, 2002). A maior parte dos jovens com o número de 73,3 % são adeptos do cabelo crespo e cacheado e apenas 26,7% não são.

Para o grupo juvenil assumir o cabelo CC é levantar uma bandeira identitária, uma identidade antes sufocada, esse posicionamento dos mesmos é acrescido de que não significa que não há preconceitos ainda para serem vencidos,

mas o orgulho de se conhecer, reconhecer para se reafirmarem como são é uma vitória histórica que precisa passar por manutenção constantemente.

Segundo um dos rapazes jovens de 17 anos e que se identifica negro diz que “tem muita importância assumir o cabelo como é, pois faz parte da nossa identidade negra”. Outro participante da pesquisa que tem 16 anos e se identifica branco diz que “os cabelos são uma forma de mostrar quem somos, mas geralmente por sermos brancos não passamos por questionamentos relacionados a nossa identidade”.

Entendemos identidade aqui trabalhada segundo Gomes (2006), que a retrata como uma construção social, histórica, cultural e plural. Implica a construção do olhar de um grupo étnico/racial ou de sujeitos que pertencem a um mesmo grupo étnico/racial sobre si mesmos, a partir da relação com o outro. O espaço escolar trazendo uma construção e evidência sobre a identidade negra de maneira orgulhosa, e significativa dentro das diferenças juvenis em uma sociedade que, historicamente, ensina ao negro, desde muito cedo, que para ser aceito é preciso negar-se a si mesmo, é uma grande conquista dos movimentos sociais que visavam esse resultado.

O cotidiano escolar evidencia respostas às próprias atitudes docentes que são retratadas em sala de aula com reflexões que trazem mudanças para a sociedade, e de forma contínua precisam ser revisitadas. Com isso, indagações dentro da organização escolar são válidas fazendo perguntas como: “será que, na escola, estamos atentos a essa questão? Será que incorporamos essa realidade de maneira séria e responsável quando discutimos, nos processos de formação de professores, sobre a importância da diversidade cultural?” (GOMES, 2002, p.171).

Quando se trata de assumir o cabelo crespo e cacheado sendo negro no Brasil é reconhecer como ato político, ou seja, o levantar de um bandeira histórica e que hoje em dia vivencia direitos, frutos de ações e movimentos sociais, como por exemplo a lei Federal nº 10.639/20034 que tornou obrigatório o ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana na Educação Básica nas escolas públicas e privadas, foi uma tomada de decisão política que implica diretamente nas concepções



juvenis dentro do ambiente escolar.

⁴ Lei 10. 639/2003 que a legislação tornou obrigatório o ensino da história e cultura afro-brasileira e africana em todas as escolas, sendo elas públicas ou particulares, desde o ensino fundamental até o ensino médio.

As juventudes se comportam dentro de um novo movimento na sociedade, dialogando sobre as identidades nesta pós modernidade, como forma participante de uma hibridez cultural. Castells (1999) discute que há diferentes processos na construção da identidade, assim como suas evidências, o estudioso cita como exemplo para ser analisado a sociedade frente as estas identidades em três aspectos: uma identidade legitimadora, uma identidade de resistência e uma identidade de projeto. Quando analisado diferentes realidades brasileiras dentro da história do país se consegue enxergar as mudanças dentro dos três vieses trabalhados por Castells.

As juventudes como espelho de uma sociedade, no sentido de serem receptores de ensinamentos de uma geração anterior como também produtores de novas culturas juvenis e sociais, acabam resultando de uma relação entre os materiais culturais disponíveis, como também a heterogeneidade cultural. Segundo Canclini (2011), a heterogeneidade se dá como resultado da relação das diferentes culturas, a partir das rupturas, contradições e assimilações, constrói a hibridação cultural, surgindo da criatividade do individual e coletivo, através do cotidiano, como também nos meios de comunicação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa visa contribuir para futuros trabalhos relacionados as juventudes, identidades, tecnologias de informação e comunicação, podendo perceber como as identidades precisam estar sempre se reafirmando dentro de uma sociedade brasileira tão plural.

A consciência e prática social como possibilidades de novas maneiras de ser no mundo, mostra como os jovens analisam a identidade negra relacionada aos CC's, como símbolo de resistência e reconhecimento de sua identidade, a conscientização de uma história cultural, elencando assim a importância CC's como característica histórica e política, antes sufocadas, e agora tidas como símbolo de resistência e beleza.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Angela Maria de Oliveira; SANTOS, Maria de Fátima de Souza. A Teoria das Representações Sociais. In: TORRES, Cláudio Vaz; NEIVA, Elaine Rabelo (Org). **Psicologia Social: principais temas e vertentes**. Porto Alegre: Artmed, 2011.

BOURDIEU, P. "Esboço de uma teoria da prática". In: ORTIZ, R. (Org.). **Pierre Bourdieu Sociologia**. São Paulo: Ática, 1983.

BRASIL. **Decreto de Lei n. 10.639**. Brasília, 09 de janeiro de 2003.

CANCLINI, N. G. **Culturas Híbridas - estratégias para entrar e sair da modernidade**. Tradução de Ana Regina Lessa e Heloísa Pezza Cintrão. São Paulo: EDUSP, 2011.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede: a era da informação: economia, sociedade e cultura**. 8. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

GATTI, Bernardete Angelina. **A construção da pesquisa em educação no Brasil**. Brasília: Plano Editora, 2002.

GOMES, N. L. Educação, identidade negra e formação de professores/as: um olhar sobre o corpo negro e o cabelo crespo. **Educação e pesquisa**, 29, 1, 167-182 jan./jul. 2002.

_____. **Sem perder a raiz: corpo e cabelo como símbolo da identidade negra**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

MATTOS, Ivanilde Guedes de. Estética afro-diaspórica e o empoderamento crespo. **Pontos de Interrogação**, Bahia, vol. 5, n. 2, p. 37-53, jul-dez., 2015. Disponível em:

<<http://www.revistas.uneb.br/index.php/pontosdeint/article/viewFile/2164/1497>>. Acesso em: 30 mai. 2023.

MOUTINHO, Laura. Negociando com a adversidade: reflexões sobre "raça", (homos) sexualidade e desigualdade social no Rio de Janeiro. **Revista Estudos Feministas**, v. 14, p. 103-116, 2006.

PAIS, José Machado. A construção sociológica da juventude - alguns contributos. **Análise Social, Lisboa**. 30. 1990, p. 139-165.

PEREIRA, Alexandre B. Do controverso "chão da escola" às controvérsias da etnografia: aproximações entre antropologia e educação. **Horizontes Antropológicos**, v. 23, n. 49, p. 149-176, set./dez. 2017.

REIS, J.J. **Aprender a raça**. Veja, São Paulo, edição especial: 25 anos: reflexões para o futuro, 1993.



8^o ENESEB

SILVA, P. C. S.; BRAGA, Â. M. S. Transição Capilar: O cabelo como instrumento de política e libertação através da identidade e suas influências. In: Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, 10, 2015, Uberlândia. **Anais eletrônicos** [...] Intercom-Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. 2015. Pag. 3- 12. Disponível em:

<<https://www.portalintercom.org.br/anais/sudeste2015/resumos/R48-0059-1.pdf>>.

Acesso em: 30 mai. 2023.

ZAMBONI, Marcio. Marcadores sociais da diferença. **Sociologia: grandes temas do conhecimento (Especial Desigualdades)**, v. 1, p. 14-18, 2014.

